

X SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
ISSN: 2317-0018
Universidade Estadual de Maringá
05 a 06 de Maio de 2022

**ECOFEMINISMO E COMPORTAMENTISMO RADICAL:
APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS**

Bruna Gabriela Bondioli Possebon (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Carolina Laurenti (Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

Contato: bruna.bondiolip@gmail.com

Palavras-chave: Ecofeminismo. Comportamentalismo radical. Pressupostos filosóficos. Vertentes. Comparação.

Uma possibilidade de organização social alinhada com a pauta ambientalista é o ecofeminismo, uma corrente de pensamento que propõe um encontro entre feminismo e ecologia (PULEO, 2017). A ecologia é caracterizada como sendo uma área da ciência na qual se estuda a relação dos seres vivos uns com os outros e também com o meio ambiente. Já o feminismo “pode ser definido como a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano da opressão e exploração por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas” (GARCIA, 2018). A principal característica que explica o ecofeminismo é a concepção de que a dominação estabelecida pela cultura sobre a natureza é similar à exploração patriarcal que oprime mulheres. Nessa associação, os homens ocupariam o mesmo lado que a cultura, enquanto as mulheres o da natureza (SILIPRANDI, 2000). Apesar de terem seus pontos de aproximação, não se deve esquecer que o movimento ambiental e ecofeminismo são áreas plurais, perpassadas por diferentes correntes teóricas.

Da mesma forma, a Psicologia também é reconhecida por suas conexões com o movimento ambiental: “A Psicologia Ambiental estuda a pessoa em seu contexto, tendo como tema central as inter-relações – e não somente as relações – entre a pessoa e o meio ambiente físico e social” (MOSER, 1998, p. 191). Pautando-se na interface entre psicologia e o movimento ambiental, pode-se pensar em uma das abordagens teóricas presente na Psicologia sendo relacionada com a proteção do meio ambiente. A Análise do Comportamento (AC) apresenta contribuições para a educação ambiental baseadas na investigação de comportamentos relevantes ao meio ambiente e passíveis de intervenção (GELLER; LEHMAN, 2004).

Além de pesquisas no âmbito da educação ambiental, a AC, sobretudo a brasileira, tem se dedicado, nas últimas décadas, a estudos sistemáticos na interface com o feminismo. Um alinhamento presente nessas duas áreas é a sua visão de que as ações do ser humano se dão por conta do contexto, sendo antiessencialistas. Outrossim, ambas criticam tendências que

X SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

05 a 06 de Maio de 2022

procuram internalizar e reduzir comportamentos aos fatores biológicos (COUTO; DITTRICH, 2017). Outros estudos apontam como as similaridades entre Análise do Comportamento e o feminismo incluem suas raízes históricas, visões de possibilidades de mudança do comportamento humano e o comprometimento em criar ambientes que prezam pelo desenvolvimento de novos comportamentos (RUIZ, 1998).

Apesar de haver diversas aproximações da AC com temáticas relativas às pautas de movimentos ambientais e do movimento feminista, ainda não foram encontrados estudos que a conectam com o ecofeminismo, um movimento caracterizado justamente pela interface entre movimento ambiental e feminismo. Considerando que o ecofeminismo exibe uma pluralidade epistemológica, uma tentativa preliminar de construir uma interlocução entre esses distintos campos de estudo precisaria sondar possíveis afinidades teóricas. Nesse sentido, uma estratégia heurísticamente útil seria evocar os pressupostos filosóficos do Comportamentalismo Radical (CR), a filosofia da Análise do Comportamento, cotejando-os com os de vertentes ecofeministas. O objetivo geral desta pesquisa foi justamente determinar as aproximações e distanciamentos teórico-filosóficos entre o ecofeminismo e o Comportamentalismo Radical. Para tanto, foi realizada uma pesquisa conceitual dividida em três etapas. Na primeira foram examinadas algumas vertentes do ecofeminismo buscando-se identificar seus posicionamentos filosóficos com respeito à relação entre natureza e cultura, homem e mulher. Na segunda etapa foram sondados alguns pressupostos teóricos do CR, em especial aqueles que pautam o modelo de seleção pelas consequências, com respeito a como essa filosofia entende as relações entre natureza e cultura. Por fim, um texto síntese foi elaborado visando comparar os compromissos filosóficos do ecofeminismo e da AC.

Com base no exame de textos sobre a história e caracterização do ecofeminismo (PUELO, 2017; SILIPRANDI, 2000) algumas vertentes se destacaram, como a clássica, crítica, construtivista, decolonial, espiritualista, *queer* e vegetariana. Não obstante as diferenças que perpassam essas vertentes, para os propósitos deste estudo, cumpre destacar o ponto que une todas essas vertentes: a já mencionada concepção de que a dominação estabelecida pela cultura sobre a natureza acontece de forma similar e concomitante à exploração patriarcal que oprime mulheres. Dessa forma, os homens juntamente com a cultura assumem o papel de opressores enquanto as mulheres e a natureza são subjugadas. É a partir desse solo comum que algumas feministas passaram a se considerar ecofeministas e a se subdividirem nas vertentes citadas.

X SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

05 a 06 de Maio de 2022

Outra questão que perpassa todas as vertentes é como cada uma se posiciona com respeito à dualidade e hierarquização entre cultura e natureza, no âmbito das quais mulheres foram aproximadas da natureza e os homens da cultura, a fim de demonstrar uma relação de inferioridade entre um e outro, ou seja, homens estariam acima na hierarquia no que diz respeito às mulheres e, da mesma forma, a cultura estaria acima da natureza.

Khalil e Abdelsabour (2018) também comentam sobre como mulheres e natureza têm uma associação que persistiu durante todo o curso das culturas, linguagens e história. As autoras apontam que na história houve, primeiramente, um corte da relação mulher-natureza, procurando demonstrar que ela não existiria. Como a natureza era considerada primitiva e não civilizada, aproximar as mulheres a ela seria um impedimento para a libertação da mulher, visto que os homens utilizavam esse argumento para manterem as mulheres em “seu devido lugar”. Por outro lado, ocorreu uma reafirmação dessa conexão para então, no contemporâneo, acontecer um remodelamento e reconexão entre mulher e natureza. Também é apontado que a própria concepção de natureza foi adquirindo diferentes conotações para as feministas e as suas ondas. A visão mais comum durante as fases do pensamento feminista é a de natureza como sendo o corpo, a biologia, reprodução, sendo que as duas primeiras ondas foram as que mais reforçavam essas concepções (KHALIL; ABDELSABOUR, 2018).

Subjaz, portanto, à dominação da cultura sobre a natureza a própria dicotomia natureza *versus* cultura erigida no pensamento moderno. Dessa forma, a crítica ecofeminista à hierarquização entre cultura e natureza, e, por conseguinte, à superioridade do homem sobre a mulher encaminharia uma inversão de polaridade exaltando-se agora a natureza e a mulher, em detrimento da cultura e do homem? Ou a crítica a essa dominação implicaria a implosão da própria dicotomia natureza-cultura?

Ao estabelecer comparações entre o Comportamentalismo Radical e as vertentes ecofeministas, nota-se que nem todas seguem um padrão, sendo totalmente coerentes com o CR, ou completamente contraditórias a esta filosofia. Destaca-se principalmente os ecofeminismos espiritualista e clássico, os quais consideram que existe um caráter essencial na aproximação mulher-natureza, posto que as mulheres, por sua particularidade de conceber filhos, estariam conectadas com a natureza, que também gera vida (GANDHI, 2018). Além disso, essas vertentes não aparentam desconstruir a dualidade entre natureza/cultura, mas apenas inverter a sua polaridade, fazendo com que a natureza passe a exercer um nível superior na hierarquia. Por conta dessas características principais, percebe-se que existe uma

X SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

05 a 06 de Maio de 2022

incompatibilidade com o CR, visto que este tem como preceito uma ontologia antiessencialista, em razão e seu alinhamento teórico com o pragmatismo e darwinismo, que são filosofias antiessencialistas (LOPES; LAURENTI, 2014). Dessa forma, não seria concebível que a conexão mulher-natureza seja explicada de maneira afirmada pelas ecofeministas espiritualistas e clássicas. Além disso, no modelo de seleção pelas consequências, embora Skinner diferencie três níveis de variação e seleção (filogênese, ontogênese e cultura), essa diferenciação não implica em hierarquização. Cada nível precisa ser entendido de maneira pluralista, em que são abertos à mudança e o modo como se realizam pode ser prejudicial ou não, a depender da forma como interagem (SKINNER, 2007).

Em contrapartida, uma vertente que demonstra similaridade com o CR é a construtivista. As ecofeministas construtivistas consideram que a conexão mulher-natureza ocorreu de forma histórica, baseando-se na distribuição sexual do trabalho desde a Antiguidade. Ademais, tendo em consideração um caráter histórico, essa vertente se distancia também dos ecofeminismos clássico e espiritualista, que mantêm uma visão essencialista. As ecofeministas construtivistas também criticam os dualismos (mulher/homem; natureza/cultura), tendo em vista uma igualdade entre gêneros, bem como transformar as práticas culturais de forma com que não causem prejuízo à natureza. Da mesma maneira, o CR mostra que as problemáticas enfrentadas hoje são decorrências de práticas culturais que fomentam a exploração da natureza e as diferentes formas de violência entre os seres humanos. Dessa forma, uma vez que as construtivistas defendem o caráter histórico do surgimento das formas de dominação, esta vertente se aproxima do CR em seu antiessencialismo, assim como no quesito em que a diferenciação da filogênese, ontogênese e cultura não resultaria em uma hierarquização.

Além disso, destaca-se as demais vertentes, mesmo com suas especificidades, também concordam nesses dois principais pontos: a conexão mulher-natureza tem uma fundamentação histórica e os dualismos devem ser desconstruídos. Dessa forma, os ecofeminismos crítico, decolonial, *queer* e vegetariano estão alinhados com os pressupostos filosóficos da AC, sendo capazes de dialogar com sua ontologia antiessencialista e o modelo de seleção pelas consequências. Essas vertentes também apresentam complementariedades para a Análise do Comportamento tais como: considerar a crítica do ecofeminismo vegetariano com respeito a dominação dos seres humanos para com os seres não-humanos; o papel da heterossexualidade

X SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

05 a 06 de Maio de 2022

compulsória como outra faceta da dominação masculina, como indicado pelo ecofeminismo *queer*; bem como a influência exercida pelos países do Norte, em específico os europeus, nas formas de conhecimento e ciência pelo mundo, como apontado pelo ecofeminismo decolonial. Dessa forma, as interfaces com esses ecofeminismos poderiam ampliar as discussões feministas da AC, considerando nas suas discussões os debates entre natureza e cultura, bem como enriquecer as propostas de educação ambiental da Análise do Comportamento levando em conta as discussões de gênero ressaltadas pelo ecofeminismo.

Referências

COUTO, A. G.; DITTRICH, A. Feminismo e análise do comportamento: caminhos para o diálogo. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, [S.L.], v. 8, n. 2, p. 147-158, 10 out. 2017.

GARCIA, C. C. **Breve história do feminismo**. Claridade, 2018.

GANDHI, A. **Sobre as correntes filosóficas dentro do movimento feminista**. 2. ed. Nova Cultura, 2018. p. 61-66.

KHALIL, S.; ABDELSABOUR, R. **Ecofeminism and the Deconstruction of Dualisms: Theorising Contemporary American Women's Writing**. 2018. Tese de Doutorado. Durham University.

LEHMAN, P. K.; GELLER, E. S. Behavior analysis and environmental protection: accomplishments and potential for more. **Behavior And Social Issues**, [S.L.], v. 13, n. 1, p. 13-33, maio 2004. Springer Science and Business Media LLC.

LOPES, C. E.; LAURENTI, C. Comportamentalismo. In: ARAUJO, S. de F.; CAROPRESO, F.; CASTAÑÓN, G. A.; SIMANKE, R. T. (org.). **Fundamentos filosóficos da psicologia contemporânea**. Juiz de Fora: UFJF, 2014. Cap. 4. p. 87-130.

MOSER, G. Psicologia ambiental. **Estudos de Psicologia (Natal)**, [S.L.], v. 3, n. 1, p. 121-130, jun. 1998. FapUNIFESP (SciELO).

PULEO, A. What is ecofeminism? **Quaderns de la Mediterrània**, v. 25, p. 27-34, 2017.

RUIZ, M. R. Personal agency in feminist theory: evicting the illusive dweller. **The Behavior Analyst**. 21, n. 2, p. 179-192, 1998.

SILIPRANDI, E. Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v. 1, n. 1, p. 61-71, 2000.

SKINNER, B. F. Seleção por consequências. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 9, n. 1, p. 129-137, 2007.